O INFERNO NUNCA SE FARTA

CADERNOS AA

Fernando de Tacca¹
Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil

Ensaio visual a partir de amigos presos e fichados pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) na invasão da PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), no dia 22 de setembro de 1977, sobrepostos em camada de um mesmo cartaz religioso grudado em postes de iluminação de rua e deteriorados pelo tempo.

Palavras-chave: fotografia, PUC/SP, política

Portal do Inferno não tem portas ou cadeados, somente um arco com um aviso que adverte: uma vez dentro, deve-se abandonar toda a esperança de rever o céu, pois de lá não se pode voltar. A alma só tem livre-arbítrio enquanto viva, portanto, viva se decide pelo céu ou pelo inferno. Depois de morta, perde a capacidade de raciocinar e tomar decisões. Dante Alighieri

SÃO PAULO, 22 DE SETEMBRO DE 1977

Uma assembleia geral na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo com a maioria dos estudantes decide ir para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para discutir os rumos do movimento estudantil contra a ditadura militar e pela tentativa de refundar a UNE - União Nacional dos Estudantes. As forças policiais estavam cercando a maioria dos campi universitários para tentar impedir a reunião de delegados vindos de todo o país, mas muito mal informados não sabiam que a reunião já havia ocorrido nesse dia pela manhã. Os dois mil estudantes que se movimentaram até o bairro de Perdizes foram ao êxtase ao serem informados de que a dita reunião ocorreu naquela manhã. Cercada por grande efetivo repressor e instigados pela sua incapacidade de prever os fatos, foi detonada uma das mais fortes ações contra o

1 Fernando de Tacca é professor livre-docente no Instituto de Artes. Contato: fernandotacca@gmail.com

movimento estudantil com 700 presos e alguns gravemente feridos, não sabiam também que os delegados estudantis haviam retornado para seus estados de origem.

Clicar na imagem para visualizar a galeria de fotos.

Nesse dia fomos todos encaminhados para o batalhão sede da ROTA - Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, a força policial mais agressiva da Polícia Militar de São Paulo. A chegada ao quartel foi normal, nada de grande repressão, somente quando jogávamos palitinho, também chamado de porrinha, que os policiais ficaram indignados e nos obrigaram a parar. Eu e mais cinco amigos de Ciências Sociais fomos o primeiro grupo a dar entrada no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), principal órgão da polícia política. Depois de fichados, constatou-se nossa reincidência, ficamos esperando em uma sala por onde passou a maioria dos estudantes, e o dia-se foi acabando, fomos ficando, às vezes alguns de nós era chamado para uma salinha, e quando saíam tinha uma expressão forte de pressão, alguns levaram tapas. No final do dia, com o cair da noite, alguém entrou e perguntou: “O que essa gente está fazendo aqui ainda”? E nos soltaram. Depois soubemos que D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, tinha voltado com urgência de Roma, e proferido uma frase que ficou muito conhecida: “Na PUCSP policial só entra pelo vestibular”. E o mais incrível: no dia seguinte saiu a lista com os reincidentes, que poderiam ser enquadrados no Decreto Lei 477 (lei da ditadura de 1969 que previa

punição a professores e alunos com expulsão da universidade) e para nossa surpresa nenhum de nós estava na lista, talvez um erro de procedimento do DOPS, por isso fomos “esquecidos” e ficamos à espera o dia todo.

Passado muito tempo depois, lembro-me que fui entrevistado por algum assistente de Elio Gaspari que colheu meu depoimento sobre a invasão da PUCSP, ele então estava escrevendo sua série de livros sobre a ditadura militar, e depois me enviaram a foto de meu fichamento naquele dia. Sincronicamente fui surpreendido em seguida pela minha filha que me enviou todas as fotos dos estudantes fichados naquele dia “Pai: olha o que está rolando na Internet”. Foi um devaneio passear pelas imagens e reencontrar os antigos amigos da graduação através de suas fichas e a memória dos tempos que passamos juntos vivenciando a formação acadêmica e política, e também os amores, as drogas, as festas, as longas conversas filosóficas e as viagens pela imaginação de um tempo passado e vivido intensamente. Uma fenomenologia do olhar perpassou essas imagens e da lista muitos se destacaram vivamente.

Em meu caminho ao trabalho, como um corredor semântico que nos faz ver determinadas ações urbanas, sempre me chamou a atenção a comunicação visual de alguns cartazes com frases religiosas colados nos postes. Eu já tinha realizado um trabalho com esses tipos de comunicação visual², percebendo a ação do tempo e as camadas das intervenções. Mais recentemente esses cartazes apareceram muitas vezes pelo meu caminho, assim escrito: “O Inferno nunca se Farta”.

Que inferno é esse que não se farta? Eu pensei que o inferno já tinha esgotado suas entranhas, não cabia mais ninguém, com lotação plena, e que se esperava novas locações de um espaço sobrenatural já muito disputado em vida. Mas, em se tratando de cercear a livre manifestação, o modo de cada um escolher suas convicções políticas, religiosas, sexuais ou qualquer outra, é sempre bom ficar atento aos possíveis retornos dos infernos implantados na nossa vida social. Afinal, se o inferno são os outros, como disse Sartre, nossa liberdade é limitada pela existência e julgamento do outro, uma relação de alteridade sobre o qual não temos controle em relação ao seu pensamento e o limite que esse outro nos impõe?

A justaposição de uma frase que se desgasta, mas persiste no tempo e no espaço público, mesmo em fragmentos, evoca uma crença moral de punição até mesmo com o passado, agora mais do que nunca revivido por forças retrógradas em tempos de polarização política no Brasil. Muitos desses esquecem que tivemos ditadura, opressão, torturas cruéis, e falta de liberdades democráticas e de livre expressão. O inferno parece que está presentificado muitas vezes em visões distorcidas da História, talvez, menos do que um esquecimento, mas lembrado como lugar permanente de pertencimento para alguns, afinal sua fome inquisidora é insaciável.

As trevas mudam sempre de lugar e são mutantes, como sombras para qualquer gosto moral, ideológico e religioso. Mas, não me importa as nebulosas do sobrenatural, somente aquelas que querem ter lugar em vida, as mais perigosas, pois são as que limitam nossa liberdade; nessa visão mágica da humanidade o sobrenatural se sobrepõe à existência, portanto, à vida. Para tais vale a frase de Dante sobre o portal do inferno: “Deixai toda esperança, ó vós que entraís!”

Mais do que qualquer outra elucubração filosófica, a superposição de uma afirmação no presente é uma forma jocosa de lidar e reviver com o passado, e ao mesmo tempo desejar que

2 BigBrother: <http://www.studium.iar.unicamp.br/bigbrother/>

meus amigos se safem de seus infernos interiores e que nos livremos de quaisquer daqueles outros que querem nos impor socialmente.

Aos companheiros de viagem: Ademar de Oliveira, Álvaro de Vitta, Celso Aoki, Eduardo Gianetti, Gustavo Venturi Jr, Fernando Monteiro, Fernão Ramos, Hebert William Coutinho (“Piauí”), José Carlos Nunes (“Zeca”); um dia nos encontraremos e nos fartaremos no inferno, mas aquele que escolhemos pertencer e não o inferno dos outros. Que levem toda a esperança quando assim desejais e entrais...

HELL CAN'T GET ENOUGH

Visual essay composed of portraits of friends of the author, who were imprisoned and registered by the DOPS (Department of Political and Social Order) during the invasion of PUC-SP (Pontifical Catholic University of São Paulo) on September 22, 1977. The photographs are superimposed with a religious poster attached to light posts, deteriorated over time.

Keywords: photography, PUC/SP, policy

Recebido em: 2016-10-11

Aceitado em: 2016-12-27